

O MODERNISMO BRASILEIRO PRIMEIRA GERAÇÃO: 1922-1930

Tendo se iniciado em 1922, com a Semana de Arte Moderna, a Primeira Geração Modernista, ou Geração de 22, teve como principal objetivo a destruição do academicismo e da tradição. Essa geração, chamada de heroica, combativa e guerreira, formou uma consciência de libertação, possibilitando a integração do pensamento e da arte brasileira na nossa paisagem e no nosso espírito, dentro da legítima brasilidade. Uma pluralidade de linguagens e perspectivas, além da abordagem de temáticas tradicionalmente consideradas não-poéticas, como o cotidiano, o uso de versos livres e linguagem coloquial marcaram essa geração.

Características Gerais do Modernismo na Literatura:

- Ambiguidade
- Paródia
- Cotidiano
- Liberdade de expressão
- Linguagem Coloquial
- Abolição dos nexos da pontuação
- Versos livres e brancos

MOVIMENTOS CULTURAIS DA 1ª FASE

Oswald de Andrade publicou dois manifestos: o Manifesto da Poesia Pau-Brasil e o Manifesto Antropofágico. O primeiro buscava remontar o passado de uma forma crítica, original, valorizando a identidade nacional com uma linguagem coloquial e bem-humorada.

O segundo objetivou transfigurar a cultura europeia, conferindo a ela um caráter nacional. Evidenciou a produção própria, para que a cultura brasileira não fosse um simples amontoado de culturas exteriores:



- 1- Pau-Brasil:** Em 1924, Oswald de Andrade lança Manifesto da Poesia Pau-Brasil
- **Poesia de exportação;**
 - **Poesia primitivista:** revisão crítica de nosso passado histórico e cultural, valorizando as riquezas e os contrastes.

Ex: Por ocasião da descoberta do Brasil
escapulário

No Pão de Açúcar
De Cada Dia
Dai-nos Senhor
A Poesia
De Cada Dia

Oswald parodia a linguagem religiosa, substituindo o termo *pão*, do 'Pai Nosso', por *Pão de Açúcar* e *Poesia*. Com isso, o poeta subverte a ordem litúrgica para introduzir o elemento brasileiro e refletir sobre o caráter da poesia.

São traços modernos do poema:

- *humor*
- *síntese*
- *ausência de pontuação*

pronominais

Dê-me um cigarro Diz a gramática
Do professor e do aluno E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom
branco
Da Nação Brasileira Dizem todos os dias Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió Para pior pió
Para telha dizem teia Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.

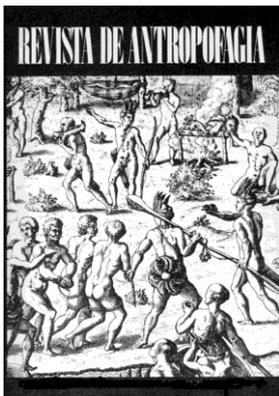
INTERTEXTUALIDADE:

Canto do regresso à pátria, de Oswald de Andrade

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

Poema recriado por Oswald. Faz paródia à 'Canção do Exílio', de Gonçalves Dias, poeta da 1ª fase do Romantismo Brasileiro. Sobre tudo na última estrofe é possível notar a atualizar histórica.



2- Manifesto Antropófago: Em 1928, Oswald de Andrade lança o Manifesto.

- Devoração simbólica da cultura europeia sem perder a nossa identidade cultural.
- *Tupi or not tupi that is the question*

Pneumotórax, de Manuel Bandeira

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.

A vida inteira que podia ter sido e que não foi. Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.



Abaporu. Tarsila do Amaral

Essa tela foi batizada de Abaporu por Oswald de Andrade em uma junção dos vocábulos tupis aba (homem), pora (gente) e ú (comer). Sendo assim, seu significado é "homem que come gente" ou "homem antropófago". ... Esse recurso recebeu o nome de gigantismo e foi utilizado por Tarsila em outras telas, ela tornou-se o símbolo do

Manifesto Antropofágico.



3- A Corrente Nacionalista: O nacionalismo

ufanista: com inclinação para o nazifascismo.

3.1- Verde-Amarelismo (1924)

O Movimento Verde-Amarelo ou Movimento Verde-Amarelismo é um grupo que surgiu na primeira fase do Modernismo e foi constituído por Menotti del Picchia (1892-1988), Plínio Salgado (1895-1988), Guilherme de Almeida (1890-1969) e Cassiano Ricardo (1895-1974).

O surgimento do Movimento Verde-Amarelo decorre como forma de reação ao modelo nacionalista preconizado pelo escritor Oswald de Andrade. O Movimento Verde-Amarelo defendia o patriotismo em excesso e teve clara tendência nazifascista.

Em 1927 o Movimento Verde-Amarelo transformou-se na Escola da Anta, ou Grupo Anta

3.2- Grupo Anta (1929)

Menotti Del Picchia foi o diretor do grupo. Juntamente com Cassiano Ricardo e Plínio Salgado formavam o núcleo fundamental desses movimentos.

Características desses movimentos:

- Exaltação da terra, do homem, do folclore, dos heróis da Pátria.
- Visão ufanista, afinando-se politicamente com o Integralismo (*futura versão tupiniquim do nazifascismo*).
- Proposta de um regime autoritário, corporativista, embasado na exacerbação do nacionalismo.

1º GERAÇÃO MODERNISTA: REPRESENTANTES

OSWALD DE ANDRADE

“Como poucos, eu conheci as lutas e as tempestades. Como poucos, eu amei a palavra liberdade e por ela briguei.”



José Oswald de Sousa Andrade nasceu em 1890, filho de abastada família paulista. Aos 22 anos, parte para Paris, onde permanece por cinco anos e é influenciado pelas vanguardas europeias, sobretudo pelas ideias futuristas de Marinetti (1876-1944).

Participa do primeiro grupo modernista com Mário de Andrade (1893-1945), Guilherme de Almeida (1890-1969), Rui Ribeiro Couto (1898-1963), Di Cavalcanti (1897-1976) e Tarsila do Amaral (1886-1973). Toma-se uma das figuras mais importantes da Semana de Arte Moderna de 1922.

Em 1924, publica o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”, um dos principais documentos do movimento. Para Oswald, “a poesia existe nos fatos. Os casebres de

açafrão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos”. Em 1926, casa-se com a pintora modernista Tarsila do Amaral. Em 1928, lança o Movimento Antropofágico e a Revista de Antropofagia, cuja proposta principal era a de que o Brasil necessitava assimilar as influências estrangeiras para criar uma cultura revolucionária e original.

CARACTERÍSTICAS DO AUTOR: O GRANDE AGITADOR DA IDEIAS MODERNISTAS

Oswald de Andrade foi o autor cujas obras realizaram a maior ruptura com as tradições passadas e acadêmicas. Seu objetivo era incomodar os acomodados, criar novas formas de linguagem e de pensamento que devorassem antropofagicamente a sociedade burguesa.

- Busca pelo anticonvencional;
- Antiformal;
- Antiestabelecido;
- Tem a intenção de criar algo novo, que viesse a destruir o tradicional;
- Poesia: nova linguagem literária, inspirada na fala, no linguajar do cotidiano (povo brasileiro);
- Reduz o texto criando os poemas pílula ou poemas minutos;
- Tom debochado (sarcasmo as convenções portuguesas e academicizas) e combativo

Brasil
Oswald de Andrade

O Zé Pereira chegou de caravela
E perguntou pro guarani da mata virgem
— Sois cristão?
— Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê Tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fomalha
Tomou a palavra e respondeu
— Sim pela graça de Deus
Canhém Babá Canhém Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval

Entre as obras mais importantes de Oswald, figuram: **Memórias sentimentais de João Miramar (1924)**: primeiro romance do Modernismo em que a estrutura narrativa é fragmentada. Comparado aos romances tradicionais, Memórias traz uma técnica narrativa original: são ao todo 163 pequenos capítulos, quase flashes, constituídos como fragmentos da realidade.

MÁRIO DE ANDRADE

“Não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição.”



Filho de Carlos Augusto de Andrade e Maria Luísa de Almeida Leite Moraes de Andrade, Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo. Desde cedo, fez aulas de piano e escreveu poesias, mas sem a intenção de transformar a escrita em profissão. Um tremor nas mãos atrapalhou a prática do piano, fazendo com que Andrade considerasse das aulas de música.

Ficou conhecido na literatura por ter participado da fundação do modernismo brasileiro. Foi um dos principais nomes da Semana de Arte Moderna de 1922. Integrava, junto com Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia o Grupo dos Cinco. Ajudou a organizar o evento, que aconteceu entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo. No mesmo ano, publicou um livro de poemas que marca o princípio do movimento modernista, foi “Paulicéia Desvairada”.

Mário de Andrade trabalhou na “Revista da Antropofagia”, criada em 1928 pelo amigo e também modernista Oswald de Andrade. Um dos seus romances de maior sucesso, “Macunaíma”, foi lançado no mesmo ano.

Características

Mário de Andrade, intelectual plural, é considerado o “papa do modernismo”. Sua estreia literária aconteceu, em 1917, com a publicação do livro Há uma gota de sangue em cada poema, obra em que o autor expressa os impactos subjetivos da Primeira Guerra Mundial. Escreveu em vários gêneros, sendo suas principais obras:

- Pauliceia desvairada (1922)
- Amar, verbo intransitivo (1927)
- Macunaíma: o herói sem nenhum caráter (1928)
- Contos novos (1947)

O livro Paulicéia Desvairada, primeira obra poética modernista, já continha em seu início o famoso “Prefácio Interessantíssimo”: conjunto de ideias onde são expostas as características do Modernismo.

O livro Clã do Jabuti (1927) já denota sua fase mais nacionalista, na busca de uma identidade mais brasileira dentro de sua poesia, com o vasto uso de nosso rico folclore, conciliando as tradições africanas, indígenas e sertanejas. Já sua última fase poética pode ser vista nos livros posteriores, principalmente em Lira Paulistana (1946), onde se tem uma poesia mais madura, pessoal, sem a ironia e a agitação dos primeiros anos do Modernismo. Os poemas nessa fase são marcados por um tom mais solene, sereno e triste.

Prosa: Destaque para os dois romances de Mário de Andrade: *Macunaíma* (1928) e *Amar, Verbo Intransitivo* (1927).

Em *Macunaíma* está presente todo o seu nacionalismo

Capítulo I

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! Que preguiça! ...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força de homem.

(*Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*)



Cena do Filme Brasileiro: *Macunaíma*

Nesse trecho, observa-se marcas primordiais do modernismo e do estilo de Mário de Andrade, como a **presença de aspectos da cultura identitária brasileira**, expressos na temática indígena. Esse elemento indígena, porém, já explorado pelo romantismo, aparece na estética modernista revestido de criticidade: o herói da narrativa, Macunaíma, por exemplo, é despido de qualquer idealização, sendo, ao contrário, representado pela ênfase de seus **atributos anti-heroicos**, como a preguiça e a ausência de beleza.

Eu sou trezentos...

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso,
Ôh espelhos, ôh! Pirineus! ôh caïçaras!
Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!

Abraço no meu leito as melhores palavras,
E os suspiros que dou são violinos alheios;

Eu piso a terra como quem descobre a furto
Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios beijos!

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo.
(*Poesias completas*)

Além de escrever textos em prosa e poemas em que o **tom crítico e irônico**, além dos aspectos típicos da cultura brasileira, manifestam-se para constituir a estética modernista, Mário de Andrade também compôs **poemas com teor lírico**, como se nota em “Eu sou trezentos...”.

Nesse poema, publicado originalmente em *Poesias* (1941), o sujeito poético expressa um sentimento de empatia ao reconhecer que sua subjetividade e sua identidade são constituídas com base na relação com outros “eus”, posicionamento que se confronta com a visão romântica, segundo a qual o eu lírico centra-se somente em suas emoções, como se fosse o centro de seu próprio universo.

INTERTEXTUALIDADE:

“Macunaíma” é, portanto, uma tentativa de construção do retrato do povo brasileiro. Essa tentativa não era nova. O autor romântico José de Alencar, por exemplo, tivera a mesma intenção ao criar, no romance *O Guarani*, o personagem Peri, índio de aspirações nobres, que se assemelhava, em relação a sua conduta ética, a um cavaleiro medieval lusitano. Não é exagero dizer, se compararmos Peri a Macunaíma, que esse é o oposto daquele. Enquanto o primeiro é valente, extremamente perseverante e encontra suas motivações nos valores da ética e da moral, Macunaíma, além de indolente, conduz a maioria maioria de seus atos movido pelo prazer terreno, mundano. É “o herói sem nenhum caráter”.

Em *Amar, Verbo Intransitivo*, há a denúncia da hipocrisia da elite burguesa de São Paulo, bem como uma profunda análise psicológica dos personagens que retoma as teorias de Freud e desmistifica a relação familiar. O mesmo é constatado em muitos de seus contos, porém com um cenário diferente: bairros paulistas típicos ou suburbanos.

Mário de Andrade deixou ainda uma vasta lista de obras, principalmente a respeito de Música e

Folclore, bem como correspondências a amigos e intelectuais, reunidas posteriormente sob a forma de livros.

Manuel Bandeira

“Eu gosto de delicadeza.

Seja nos gestos, nas palavras, nas ações, no jeito de olhar, no dia-a-dia e até no que não é dito com palavras, mas fica no ar...”



O escritor atuou como professor de literatura, tradutor e crítico literário. Manuel Bandeira não participou da Semana de Arte Moderna de 1922, evento que deu início ao modernismo no Brasil,

mas o poema do autor, “Os Sapos”, foi lido na abertura. O poema ridicularizava o parnasianismo.

Viveu no Rio de Janeiro por alguns anos, foi aluno do Colégio Pedro II e, em 1904, foi morar em São Paulo. Chegou a começar o curso de arquitetura na Escola Politécnica, mas a tuberculose o obrigou a parar. Durante a doença, resolveu passar um tempo na serra. Para continuar a se tratar, foi para a Suíça, mas a Primeira Guerra fez com que voltasse antes do previsto, em 1914. A doença do autor podia ser sentida nas suas poesias, que apresentavam um certo sentimento de angústia e medo da morte.

É quando volta ao Brasil que o escritor começa a produzir obras literárias. A primeira publicação data de 1917, é o livro “A Cinza das Horas”, os 200 exemplares foram pagos pelo próprio autor. Dois anos depois, foi lançado “Carnaval”, também custeado por Bandeira.

Características:

Digamos que ele tinha seu próprio estilo, mostrando-se despreocupado em cultivar esta ou aquela tendência – razão pela qual optou por exercer sua habilidade artística de acordo com o espírito com que “denunciava” suas emoções no momento em que escrevia. Prova disso é que sua obra se demarca por três vertentes: a fase pós-simbolista, a modernista e a pós-modernista.

Nessa primeira fase, pós-simbolista, o poeta se mostra como alguém ainda “preso” aos pressupostos manifestados pela era simbolista, sobretudo pelo

espírito decadentista. Traços esses atestados por meio de uma das suas criações, expressa a seguir:

Desencanto

Eu faço versos como quem chora
De desalento. . . de desencanto. . .
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente. . .
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia rouca,
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.
- Eu faço versos como quem morre.

Constatamos que há uma preocupação em manter um certo formalismo, principalmente em se tratando das rimas (chora-agora/desencanto-pranto), bem como no que diz respeito à própria estrutura, por se tratar de um soneto. Outro aspecto que se torna evidente é a presença da sinestesia, uma marca predominante no Simbolismo, manifestada pelos traços dualísticos entre “amargo x quente”. Não raro ocorre com o sentimento manifestado nas palavras do artista, carregadas de um pungente existencialismo, por meio das expressões “angústia rouca e acre sabor na boca”.

Na segunda fase, na qual podemos constatar traços modernistas, o poeta deixou se revelar pela simplicidade impressa na escolha das palavras, traço esse revelado por alguém que capta fatos fugazes, banais do cotidiano. Outro aspecto faz referência ao desapego quanto ao formalismo, demarcado pelas criações impregnadas de versos livres e brancos.

Momento num café

Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café
Tiraram o chapéu maquinalmente
Saudavam o morto distraídos
Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes na vida.
Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado
Olhando o esquife longamente
Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade
Que a vida é traição
E saudava a matéria que passava
Liberta para sempre da alma extinta

Temas como infância, amor, doença e morte são recorrentes nas criações de Manuel Bandeira. Quanto à morte, por exemplo, ele se mostra indiferente, ou seja, abnega-se de um sentimento de autopiedade, faz uso

do humor e da crítica para justamente camuflar realidades existenciais, características perfeitamente constatáveis em:

EPÍGRAFE

Sou bem-nascido. Menino,
Fui, como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quis.

Veio o mau gênio da vida,
Rompeu em meu coração,
Levou tudo de vencida,
Rugia e como um furacão,

Turbou, partiu, abateu,
Queimou sem razão nem dó -
Ah, que dor!
Magoado e só,
- Só! - meu coração ardeu:
[...]

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.
— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
— Respire.

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

✓ **Fantasia;**

Vou-me Embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino

Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar
E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Texto extraído do livro "Bandeira a Vida Inteira", Editora Alambique – Rio de Janeiro, 1986, pág. 90



✓ **Poesia Social**

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

Poética

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem-comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquíptico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de cossenos secretário do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes maneiras de
agradar às mulheres etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

2º GERAÇÃO MODERNISTA (1930-1945)- MATURIDADE OU CONSOLIDAÇÃO

A Segunda Geração Modernista, também chamada de Geração de 1930, se consolidou em um período de tensões ideológicas em período de guerras, no qual os temas nacionalistas e regionalistas se fortalecem.

Nesse período as conquistas da geração modernista de 22 já se encontram consolidadas. É preciso, mais do que digeri-las, também resignificá-las, sobretudo em um mundo de repentina maior complexidade, ditado por um contexto de apreensão e perplexidade mediante um contexto beligerante nunca antes visto, nas proporções que por fim tomou e que não refrearam no período entre guerras.

O livro *A bagaceira* de José Américo é considerado o primeiro romance regionalista do Modernismo. Mas seu valor deve-se mais à temática histórica da seca, dos retirantes e ao aspecto social do que aos aspectos literários.

1- CONTEXTO HISTÓRICO

- ✓ Segunda Guerra Mundial,
- ✓ Estado novo no Brasil – ditadura de Getúlio Vargas 1937-45
- ✓ Bomba Atômica sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki;
- ✓ Crise da Bolsa de Nova Iorque;
- ✓ Crise Cafeeira;
- ✓ Comunismo

2- CARACTERÍSTICAS

Na prosa:

- Nacionalismo, universalismo e regionalismo;
- Influência da psicanálise de Freud;
- Temática cotidiana e linguagem coloquial;
- Uso de versos livres e brancos;
- Neorrealismo – caráter documental da paisagem, costumes, falas e tipos populares;
- Marxismo – a arte só tem valor se for engajada ou participativa: denunciar a opressão política, a desigualdade e atraso sociais, a crise econômica;
- Neorregionalismo – sem o pitoresco e exótico do Romantismo; foco no Nordeste;

Na poesia:

- Poesia surrealista, espiritualista, católica, neossimbolista: exceto Drummond;
- O “eu” poético X o mundo (social, arte, poesia, cotidiano, existência)
- Retorno Acabamento formal (rimas, estrofes, métrica) ao lado do verso livre.

3- PRINCIPAIS AUTORES NA PROSA

A prosa da 2ª fase modernista caracteriza-se pelo regionalismo, destaca-se a prosa regionalista nordestina (prosa neorrealista e neonaturalista).

Na prosa, atingiu-se elevado grau de tensão nas relações do “eu” com o mundo; é o encontro do escritor com seu povo. Havia uma busca do homem brasileiro nas várias regiões, por isso, o regionalismo ganhou importância, com destaque às relações da personagem com o meio natural e social (seca, migração, problemas do trabalhador rural, miséria, ignorância).

Além do regionalismo, destacaram-se também outras temáticas como o romance urbano e psicológico, o romance poético-metafísico e a narrativa surrealista.

Refletindo as preocupações sociais e políticas que agitavam o Brasil na época, desenvolveu-se um tipo de ficção que encaminhou para o documentário social e romance político.

Os principais autores da prosa dessa segunda fase: *Rachel de Queirós, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego e Dionélio Machado.*

Quase todos esses autores voltaram-se basicamente para os temas do Nordeste, como a seca, o cangaço e o ciclo açucareiro.

Com exceção de Érico Veríssimo que apresentou uma obra voltada para as relações do homem e a paisagem do Sul do Brasil.

RACHEL DE QUEIRÓS

“Eu sou essa gente que se dói inteira porque não vive só na superfície das coisas



Suas obras regionalistas destacam-se pela reflexão sobre a figura feminina numa sociedade patriarcal. Além da denúncia social, dá vez à análise psicológica em sua obra. Pode-se verificar a relação entre dois mundos: o rural (imobilidade social, universo rural, representação das perspectivas de melhoria de vida pela possibilidade de ascensão social) e o urbano.

Em seu livro *O quinze*, conta a história da luta de um povo contra a seca e a miséria, tema marcante da prosa modernista da segunda geração. A força da mulher nordestina também é tratada em toda sua obra. Entre as suas figuras femininas destacam-se: Conceição em *O quinze* e Maria Bonita em *O Lampião*.

Inserida no Modernismo, a prosa regionalista de Rachel de Queiroz retrata, numa linguagem enxuta e viva, o nordeste; mais precisamente o Ceará. Além do interesse social, o flagelo da seca e o coronelismo, seus dois primeiros romances - *O Quinze* e *João Miguel* - demonstram sua preocupação com os traços psicológicos do homem daquela região que, pressionado por forças atávicas, aceita fatalisticamente seu destino. Essa harmonização entre o social e o psicológico demonstra uma nova tomada de posição na temática do romance nordestino. A mesma abordagem se aplica aos dois romances seguintes: *Caminho de Pedras* e *As Três Marias*. O primeiro é conscientemente político-social e as características psicológicas estão aí valorizadas. No entanto, em *As Três Marias* elas atingem o seu máximo.

Biografia: Rachel de Queiroz nasceu em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza (CE). Ainda muito jovem, com apenas vinte anos, destaca-se através da

publicação do romance “*O Quinze*”, o qual aborda a triste realidade dos retirantes nordestinos, drama este que a escritora vivenciou.

Foi a primeira mulher a possuir uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

GRACILIANO RAMOS

“É fácil se livrar das responsabilidades. Difícil é escapar das consequências por ter se livrado delas.”



É considerado pela crítica literária o melhor ficcionista dessa segunda fase. Sua obra é marcada pela ausência de sentimentalismo e por um forte poder de síntese, refletida na linguagem direta e precisa, além do rigor expressivo.

O autor não faz grandes inovações linguísticas, o foco dele é na narrativa. Como o importante é o retrato da situação do homem nordestino. O estilo de escrita é claro e conciso. Em certos trechos, lembra o modo de fala mais rude do interior que Ramos retrata. O escritor busca contar como o povo nordestino vive e as dificuldades no sertão. É possível identificar nas obras o pessimismo e a crítica social.

O livro *Vidas Secas* é um romance que narra a história de uma família de retirantes que abandona sua terra atingida por uma forte seca. A família é formada por Sinhá Vitória, a mãe; Fabiano, o pai; seus dois filhos, denominados apenas como menino mais velho e menino mais novo e os animais: o papagaio e a cachorra Baleia.



Menino Morto, de Cândido Portinari.

Bibliografia: O autor Graciliano Ramos de Oliveira nasceu no estado de Alagoas, no município de Quebrangulo. Os pais, Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos, tiveram outros 15 filhos. Graciliano viveu seus primeiros anos de vida em terras castigadas pela seca, tema que foi muito retratado na sua literatura. Durante a ditadura de Getúlio Vargas, Graciliano foi acusado de participar do Intentona Comunista de 1935 e acabou sendo mandado para o Rio de Janeiro, onde ficou preso. O autor morre de câncer de pulmão em 1953. Uma de suas grandes contribuições para a literatura é publicada depois de sua morte e sem a conclusão, “Memórias do cárcere” ficou sem o último capítulo.

JORGE AMADO

“Mais difícil do que publicar um livro é escrever um bom livro”



É talvez um dos autores mais conhecidos pelo público jovem. Isto porque, muitos de seus livros foram adaptados para a TV e o cinema. E ainda hoje, é um dos escritores brasileiros que mais vendeu livros. Seus livros traçam um verdadeiro e completo quadro do povo brasileiro, em especial do povo baiano. O baiano escreveu obras de cunho regionalista, enaltecendo o povo, a terra e a cultura local. Com uma linguagem oralizada, o escritor transformou em texto suas preocupações e críticas sociais.

Ao escrever suas obras, Jorge Amado tinha um cuidado maior com a narrativa e não com a estrutura técnica. O autor não demonstrava preocupação com a estrutura literária ou mesmo com as normas de ortografia e gramática, o importante era contar bem a história.

A linguagem oral ganha espaço na obra do escritor baiano, dando naturalidade ao texto. Nota-se uma fidelidade à língua falada pelo povo que Amado retrata.

A linguagem é direta e popular, mas é importante ressaltar que o tom poético ainda é percebido.

Assim encontramos:

DIVISÃO TEMÁTICA DA OBRA DE JORGE AMADO

Romances da Bahia ou Romance do Proletário= Que retratam a vida das classes oprimidas na urbana Salvador. São livros de denúncia das desigualdades sociais. Entre eles destaca-se: Capitães da Areia.

Romances ligados ao ciclo do cacau= Que retratam a exploração dos trabalhadores rurais, pela economia latifundiária no Nordeste. Segundo o próprio Jorge Amado, foi à luta do cacau que o tornou romancista. Entre esses romances destacam-se: Cacau e Terras do Sem Fim.

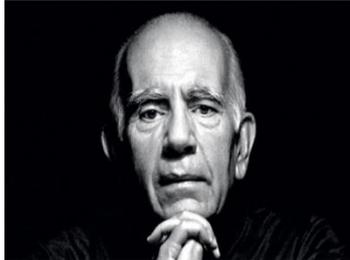
Romance de Costumes ou Crônicas de costumes= Que partem dos cenários do agreste e da zona cacaeira para uma reflexão sobre a vida, os amores e os costumes da sociedade. São desse ciclo as conhecidíssimas figuras femininas de Jorge Amado, como Gabriela, cravo e canela; Dona Flor e seus dois maridos, Tieta do Agreste e Teresa Batista cansada de guerra.

Biografia: Filho de João Amado Faria e Eulália Leal Amado, o escritor nasceu na fazenda Auricídia, no município de Itabuna, localizado no sul da Bahia. Passou a infância em Ilhéus, cidade que foi retratada em várias de suas obras. Jorge Leal Amado de Faria mostrava afinidade com as palavras desde muito cedo. Com apenas 10 anos, em 1922, criou “A Luneta”, um jornal que entregava para amigos e parentes. Depois, quando estudava em um colégio interno, participou de duas publicações, “A Pátria” e “A Folha”. E, aos 14 anos, já foi trabalhar em jornais.

Na época da ditadura de Getúlio Vargas, seus livros chegaram a ser queimados em Salvador e o escritor foi novamente exilado em 1947, quando o PCB foi declarado ilegal. Foi viver na França com a família. Expulso, foi para Praga em 1950. De novo no Brasil, deixou a militância política de lado em 1955 e passou a colocar a literatura em primeiro lugar. Ganhou o Prêmio Jabuti em 1959 e em 1995, ocupou a cadeira nº 23 na Academia Brasileira de Letras em 1961 e o Prêmio Camões veio em 1994.

ÉRICO VERÍSSIMO

“Precisamos dar um sentido humano às nossas construções. E, quando o amor ao dinheiro, ao sucesso nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.”



É o grande representante da região Sul do Brasil nessa segunda fase. E assim como Jorge Amado, também foi muito querido pelo público leitor.

Natural do Rio Grande do Sul, o autor costumava colocar o estado nos contos, crônicas e romances que escrevia. Diferentemente de outros escritores do movimento literário, no entanto, não utilizava uma linguagem caracterizada pelo regionalismo.

A obra mais importante de Veríssimo é “O Tempo e o Vento”, uma trilogia histórica que chegou a ser adaptada para a televisão. “Incidente em Antares” e “Olhai os Lírios do Campo” também receberam versões televisivas. O filho de Érico, Luís Fernando Veríssimo seguiu a carreira do pai e se estabeleceu como escritor.

Sua obra é frequentemente dividida em romances urbanos, históricos e políticos. Em seus romances urbanos analisa os conflitos e os valores de uma sociedade em crise. Entre os principais livros dessa categoria estão: Clarissa e Olhai os lírios do campo. A sua grande obra prima é a trilogia histórica O tempo e o vento, que narra a disputa pelo poder político entre importantes famílias na região Sul.

Entre as personagens principais estão Ana Terra e Rodrigo Cambará.

O livro Incidente em Antares é um romance político em que Érico Veríssimo explora o absurdo e o fantástico. Num dado momento do romance os cozeiros da cidade entram em greve e os mortos por sua vez, resolvem ressuscitar e denunciar a corrupção e a podridão moral existente na cidade. Ocorre uma fusão entre o plano real e o imaginário.

Biografia: Érico Veríssimo nasceu em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul. O pai, Sebastião Veríssimo de Fonseca,

era farmacêutico e a mãe, Abegahy Lopes, dona de casa. O escritor mostrou as primeiras habilidades artísticas em 1914, quando fundou a revista “Caricatura”, que preenchia com notas e desenhos. Era um ávido leitor, tanto de autores nacionais quanto internacionais.

Érico Veríssimo ganhou o Prêmio Jabuti em 1965 e o Prêmio Machado de Assis duas vezes, em 1934 e 1954. O Prêmio Graça Aranha veio pela obra “Caminhos Cruzados”.

O escritor morreu em 1975 em decorrência de um enfarte.

JOSÉ LINS DO REGO

“Os grandes escritores têm a sua língua, os mediocres, a sua gramática.”



Foi um autor muito identificado com os costumes do povo e sua obra pautou-se fundamentalmente nas recordações de um menino que conviveu com as fazendas produtoras de cana.

Detentor de um profundo lirismo, uma linguagem cheia de vocábulos regionais, dignas de quem conviveu de perto com a região e o povo descrito em sua obra, e uma narrativa com uma forte inspiração na literatura de cordel, dando ênfase à oralidade, a obra de José Lins do Rego tem como alvo a região nordestina brasileira do fim do século XIX e início do século XX, onde são visíveis a decadência da sociedade patriarcal e a transição dos já obsoletos engenhos de cana-de-açúcar para as poderosas usinas.

Seus principais temas são: da decadência dos engenhos produtores de açúcar e da estrutura patriarcal, as disputas políticas na região nordeste e o cangaço. Entre seus livros destacam-se: Menino de Engenho e Fogo Morto.

Prendendo-se muitas vezes numa análise psicológica de cada personagem, José Lins mostra a família patriarcal, que se torna o próprio retrato do declínio, onde a vida do patrão e de sua mulher submissa consiste em assistir, na maioria das vezes

sem reação, o fim do engenho e de suas vidas. Em contraponto, tem-se a vida simples e problemática, o trabalho duro e a miséria dos empregados e moradores do engenho, em sua maioria descendentes de escravos. A convivência entre ricos e pobres é muitas vezes conflituosa, servindo para denunciar a desigualdade social e certas picaretagens políticas. É o que o próprio autor intitulou de ciclo da cana-de-açúcar, encaixando-se nele as seguintes obras: Menino de Engenho, Doidinho, Bangüê, Fogo Morto e Usina.

A figura dos cangaceiros e os árduos combates que estes travavam com a polícia local também estão presentes, denunciando não somente o terror que o cangaço alastrava pela região, às vezes sob a forma de lendas e histórias, como também o abuso de autoridade que a polícia nordestina empregava nas inúmeras buscas que empreendia, fazendo-nos repensar sobre quem eram realmente os bandidos e quem eram os heróis. Apesar do cangaço estar presente em quase toda a sua obra, alguns de seus livros o retratam com maior ênfase. É o chamado ciclo do cangaço, misticismo e seca: onde estão as obras Pedra Bonita e Cangaceiros.

Biografia: José Lins do Rego Cavalcanti nasceu no município de Pilar, estado da Paraíba, no ano de 1901, e veio a falecer na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1957. Criado no engenho Corredor, de propriedade do avô materno, fez os estudos secundários em Itabaiana e na Paraíba (atual João Pessoa), vindo a se formar em Direito no Recife no ano de 1918. Em Maceió conheceu dois grandes nomes da literatura de seu tempo: Jorge de Lima e Graciliano Ramos.

Exerceu o cargo de promotor público em Manhaçu (MG). Publicava, desde sua tenra juventude, artigos em suplementos literários, passando após algum tempo a escrever romances. Seu primeiro livro foi publicado em 1932: Menino de Engenho, custeado com dinheiro do próprio bolso, e que atingiu enorme repercussão, abrindo caminho para uma série de obras de grande importância em nossa literatura.

4- PRINCIPAIS AUTORES NA POESIA

A poesia da segunda geração modernista foi, essencialmente, uma poesia de questionamento em torno da existência humana, do sentimento de “estar no

mundo”, da inquietação social, religiosa, filosófica, amorosa.

Agora os autores passam a refletir sobre o mundo contemporâneo, sobre o sentido de **estar no mundo**. Deseja-se compreender a relação entre indivíduo e sociedade. Assim, a segunda geração ficou caracterizada por uma produção com forte dimensão social, sendo conhecida como a fase da consolidação.

Essa fase ficou caracterizada pela reflexão dos escritores acerca de fatos contemporâneos, por obras comprometidas com o realismo das questões sociopolíticas e pelo conflito espiritual de alguns de seus autores.

A poesia da segunda geração modernista foi, essencialmente, uma poesia de questionamento: da existência humana, do sentimento de “estar-no-mundo”, das inquietações social, religiosa, filosófica, amorosa.

São autores desta geração de poetas:

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“A cada dia que vivo mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca, e que, esquivando-se do sofrimento, perdemos também a felicidade. A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.”



Drummond, além de poeta, é um excelente prosador, de estilo marcado pelo humor e pelo ceticismo, ou seja, estado de espírito de quem duvida de tudo. A obra de Drummond pode ser dividida de acordo com sua temática: reminiscência da infância, da família, de Itabira; a busca da poesia; o cotidiano; a busca de si mesmo, o filosófico e o metafísico; o amor e suas contradições, o corpo, o erotismo (última fase do poeta).

Drummond foi precursor da poesia de 30 com a publicação da obra "Alguma Poesia". A atualidade e os acontecimentos rodeiam a poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987). Sua obra poética reproduz o mundo, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria.

Por essas características, nega a fuga da realidade porque a poesia é tida como meio de transformação.

Muito se discute sobre a individualidade do autor e, principalmente, o modo como esta se altera historicamente. Desse modo, a obra drummondiana costuma ser dividida, didaticamente, em quatro fases:

1- **A fase gauche ou fase do “eu maior que o mundo” (1930-1940):** na qual o humor e a ironia são características presentes, além do isolamento e do individualismo;

2- **A fase social ou fase do “eu menor que o mundo” (1940-1945):** marcada por uma poesia engajada com os problemas sociais, em virtude de uma postura histórica ativa frente ao período de guerras e à conturbação política (Segunda Guerra Mundial e ditadura de Getúlio Vargas);

3- **A fase do não ou fase do “eu igual ao mundo” (1950-1962):** constituída por uma poesia mais metafísica, reflexiva e pessimista, na qual se observa um grande desencanto político, que afasta o poeta do engajamento social, abordando temas como morte e vida, infância e velhice, amor e tempo.

No Meio do Caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Poema de Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.

Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili,
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,

sua lavra de ouro,
 seu terno de vidro,
 sua incoerência,
 seu ódio — e agora?

Com a chave na mão
 quer abrir a porta,
 não existe porta;
 quer morrer no mar,
 mas o mar secou;
 quer ir para Minas,
 Minas não há mais.
 José, e agora?

Se você gritasse,
 se você gemesse,
 se você tocasse
 a valsa vienense,
 se você dormisse,
 se você cansasse,
 se você morresse...
 Mas você não morre,
 você é duro, José!

Sozinho no escuro
 qual bicho-do-mato,
 sem teogonia,
 sem parede nua
 para se encostar,
 sem cavalo preto
 que fuja a galope,
 você marcha, José!
 José, para onde?

Um dos maiores e mais conhecidos poemas de Drummond, "José" exprime a solidão do indivíduo na cidade grande, a sua falta de esperança e a sensação de estar perdido na vida. Na composição, o sujeito lírico se interroga repetidamente acerca do rumo que deve tomar, procurando um sentido possível.

José, um nome muito comum na língua portuguesa, pode ser entendido como um sujeito coletivo, simbolizando um povo. Assim, parecemos estar perante a realidade de muitos brasileiros que superam inúmeras privações e batalham, dia após dia, por um futuro melhor.

Obras do autor: Poesia: "Alguma poesia" "Beijos das Almas", "Sentimentos de Mundo", "A rosa do povo", "Claro enigma", "Fazendeiro do Ar". Prosa: "Contos de Aprendiz", "Fala, amendoeira", "A bolsa e a vida", "Boca de luar", "O avesso das coisas" e "Cadeira de Balanço".

Biografia: Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1902, em Itabira (Minas Gerais). cursou suas primeiras fases escolares em sua cidade natal. Seguindo seus estudos optou por formar-se em Farmácia, na capital mineira. Em 1928 começou sua carreira atuando como funcionário público, tornando-se chefe do gabinete do

Ministério da Educação e, posteriormente, como codiretor do jornal Tribuna Popular.

Notadamente, sua carreira literária ganhou força de expressão a partir dos anos 50, mais precisamente em 1962, quando se aposentou. Após uma vasta e significativa produção, veio a falecer em 1987, no Rio de Janeiro.

Os Ombros Suportam o Mundo

Carlos Drummond de Andrade

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
 Tempo de absoluta depuração.
 Tempo em que não se diz mais: meu amor.
 Porque o amor resultou inútil.
 E os olhos não choram.
 E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
 E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
 Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
 mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
 És todo certeza, já não sabes sofrer.
 E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
 Teu ombros suportam o mundo
 e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
 As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
 provam apenas que a vida prossegue
 e nem todos se libertaram ainda.
 Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
 prefeririam (os delicados) morrer.
 Chegou um tempo em que não adianta morrer.
 Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
 A vida apenas, sem mistificação.

CECÍLIA MEIRELES

*"É preciso amar as pessoas e usar as coisas e não,
 amar as coisas e usar as pessoas"*



Cecília Meireles é considerada uma das poetisas mais importantes da literatura brasileira. "Romanceiro da Inconfidência", "Viagem" e "Ou isto ou aquilo" são algumas obras que marcam a carreira da escritora, pela segunda, inclusive, Cecília ganhou o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. O Prêmio Machado de Assis foi concedido pelo conjunto da obra.

A principal característica de Cecília Meireles (1901-1964) é a poesia intimista que possui uma característica introspectiva e com um ar de fantasia.

É possível perceber a musicalidade nos escritos de Cecília. A escritora utiliza técnicas literárias tradicionais para compor seus versos, a estruturação do soneto é um exemplo. Ainda é importante lembrar que são temas constantemente retratados em seus poemas a morte, o amor, o eterno e o efêmero. A morte se fez presente muito cedo na vida da autora, que perdeu a mãe com apenas três anos de idade. Assim, é perceptível o quanto a vida pessoal se insere na obra literária de Meireles.



Biografia: A mãe, Matilde Benevides Meireles, era professora e o pai, Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil. Cecília Meireles perdeu a mãe com apenas três anos de idade e não chegou a conhecer o pai, foi criada pela avó, D. Jacinta Garcia Benevides. Com isso, conviveu desde muito cedo com a morte e chegou a escrever sobre como aprendeu as relações entre o que é passageiro e o que é eterno, segundo ela: “A noção ou o sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade”.

Recado aos amigos distantes

Meus companheiros amados,
 não vos espero nem chamo:
 porque vou para outros lados.
 Mas é certo que vos amo.

Nem sempre os que estão mais perto
 fazem melhor companhia.
 Mesmo com sol encoberto,
 todos sabem quando é dia.

Pelo vosso campo imenso,
 vou cortando meus atalhos.
 Por vosso amor é que penso
 e me dou tantos trabalhos.

Não condeneis, por enquanto,
 minha rebelde maneira.
 Para libertar-me tanto,
 fico vossa prisioneira.

Por mais que longe pareça,
 ides na minha lembrança,
 ides na minha cabeça,
 valeis a minha Esperança.

Motivo

*Eu canto porque o instante existe
 e a minha vida está completa.
 Não sou alegre nem sou triste:
 sou poeta.
 Irmão das coisas fugidias,
 não sinto gozo nem tormento.
 Atravesso noites e dias
 no vento.
 Se desmorono ou se edifico,
 se permaneço ou me desfaço,
 - não sei, não sei. Não sei se fico
 ou passo.
 Sei que canto. E a canção é tudo.
 Tem sangue eterno a asa ritmada.
 E um dia sei que estarei mudo:
 - mais nada.*

Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
 Assim calmo, assim triste, assim magro,
 Nem estes olhos tão vazios,
 Nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
 Tão paradas e frias e mortas;
 Eu não tinha este coração
 Que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
 Tão simples, tão certa, tão fácil:
 - Em que espelho ficou perdida
 a minha face?*

MEIRELES, Cecília. *Obra poética.*
 Companhia J. Aguilar Editora, 1958, p. 10. Vol. 4,
 Biblioteca luso-brasileira: Série brasileira.

VINÍCIUS DE MORAIS



É MELHOR VIVER DO QUE SER FELIZ
Vinícius de Moraes (O Poetinha)

Segundo o próprio autor, sua obra revela dois momentos bem distintos: - na primeira fase, os poemas têm cunho religioso, melancólico e o verso é livre. Na segunda fase, o poeta afasta-se da religiosidade e diversifica os temas e os processos poéticos. Os sonetos apresentam duas facetas: de um lado,

empregam linguagem “nobre”; de outro, linguagem coloquial, objetiva.

O sensualismo erótico, o amor e os prazeres da carne são destacados em sua poesia. Em sua obra, o escritor fala da felicidade, da infelicidade, da alegria e tristeza.

Obras do autor: “O caminho para Distância”; “Forma e exegese”, “Poemas; canções e baladas”, “Pátria minha”, “Livro dos sonetos” e “Antologia poética”.

Biografia: Vinicius de Moraes nasceu no Rio de Janeiro em 19 de outubro de 1913, e morreu na madrugada de 9 de julho de 1980, aos 67 anos, devido a problemas decorrentes de uma isquemia cerebral. Considerado um dos mais importantes nomes da poesia e da música nacionais, Vinicius de Moraes deixou uma obra vasta, passando pela literatura, teatro, cinema e música. No gênero musical, Vinicius teve influência na Bossa Nova. Na literatura e no teatro Vinicius de Moraes deixou obras-primas, com destaque para a peça teatral “Orfeu da Conceição”, escrita em 1954, baseada no drama da mitologia grega Orfeu e Eurídice. Sobre sua obra o poeta Vinicius de Moraes escreveu Carlos Drummond de Andrade: “Vinicius é o único poeta brasileiro que ousou viver sob o signo da paixão. Quer dizer, da poesia em estado natural. Eu queria ter sido Vinicius de Moraes”.

Poética I

De manhã escureço
 De dia tardo
 De tarde anoiteço
 De noite ardo.

A oeste a morte
 Contra quem vivo
 Do sul cativo
 O este é meu norte.

Outros que contem
 Passo por passo:
 Eu morro ontem

Nasço amanhã
 Ando onde há espaço:
 – Meu tempo é quando.

Soneto de Devoção

Essa mulher que se arremessa, fria
 E lúbrica aos meus braços, e nos seios
 Me arrebatava e me beija e balbucia
 Versos, votos de amor e nomes feios.

Essa mulher, flor de melancolia
 Que se ri dos meus pálidos receios
 A única entre todas a quem dei
 Os carinhos que nunca a outra daria.

Essa mulher que a cada amor proclama

A miséria e a grandeza de quem ama
 E guarda a marca dos meus dentes nela.

Essa mulher é um mundo! — uma cadela
 Talvez... — mas na moldura de uma cama
 Nunca mulher nenhuma foi tão bela!

MÁRIO QUINTANA: O POETA ULTRASSENSÍVEL



“Com o tempo, você vai percebendo que, para ser feliz, você precisa aprender a gostar de você, a cuidar de você e, principalmente, a gostar de quem também gosta de você.”

Conhecido pela genial simplicidade de seus textos, Mário Quintana recusava a ser enquadrado em qualquer escola literária. Cronologicamente, poder-se-ia classificá-lo como pertencente ao terceiro tempo modernista. Mas, sua poesia crescia sob o clima da década de 30 (segundo tempo modernista) no plano da literatura gaúcha. Mário Quintana é conhecido como poeta da ternura. Os temas simples e singelos eram refinados ainda mais sob a pena lírica poeta. Os mais frequentes são: valorização da imaginação, o sonho, a fantasia, o devaneio, o encanto, o misticismo, a humanidade, a existência, o carinho, o aconchego, a pureza, a canção e o mundo infantil (escapismo da realidade).

Características de Mário Quintana

- Linguagem coloquial;
- Analogias com questões do dia a dia da população;
- Trabalho com assuntos do cotidiano;
- Simplicidade na linguagem;
- Acessível às mais variadas classes sociais;
- Rejeição à linguagem rebuscada;
- Jogo de palavras constante;

Outra musa inspiradora do autor foi a própria poesia. E a metalinguagem recitou versos sob a voz do grande poeta Mário Quintana. Sua poesia é a humanidade posta em verso. Daí seu humor não apresentar o traço racional, intelectualizado, mas

aproximar-se de uma visão chapliniana do mundo, não distanciada da que teria o homem comum.

É como dizia seus amigos e demais críticos literários, o poeta da simplicidade, das coisas mundanas. Seu labor poético era algo intrínseco à sua personalidade, realizado pela simples necessidade efêmera da escrita.

Referindo-se à estética de sua poesia, podemos identificar nuances Românticas e Simbolistas. Românticas em razão do intenso subjetivismo, mas não visto de maneira pessimista e egocêntrica. E simbolistas, ao tratar da temática do amor, característica extremamente relevante em seus poemas, nos quais percebemos um certo clima de misticismo pairando no ar mediante aos ligeiros traços ligados ao Surrealismo.

Podemos caracterizá-lo com sendo um romântico tardio, aliado a uma postura moderna, tanto na temática quanto na estrutura, mas que não deixou de ouvir os “sussurros” de seu coração e do âmago mais profundo de sua alma.

**CANÇÃO PARA UMA
VÁLSA LENTA**

"Minha vida não foi um romance...
Nunca tive até hoje um segredo.
Se me amas, não digas, que morro
De surpresa... de encanto... de medo..."

Minha vida não foi um romance...
Minha vida passou por passar.
Se não amas, não finjas, que vivo
Esperando um amor para amar.

Minha vida não foi um romance...
Pobre vida... passou sem enredo...
Glória a ti que me enches a vida
De surpresa, de encanto, de medo!

Minha vida não foi um romance...
Ai de mim... Já se ia acabar!
Pobre vida que toda depende
De um sorriso... de um gesto... um olhar..."

Mário Quintana



<http://pausapraleitura.blogspot.com.br/2014/12/cancao-para-uma-valsa-lenta-por-mario.html>

O gaúcho Quintana nunca fez poesia claramente social. Sua poesia é subjetiva, pessoal, cheia de cotidiano, de crianças, de surpresas. Quintana jamais se filiou a qualquer corrente literária, tanto que fez soneto, andou pelos caminhos da poesia simbolista, parou um tempo na poesia sintética contemporânea (haicai e epigrama) e prosificou versos. Seu principal tema foi o envelhecer, a transitoriedade inexorável do homem.

Poeminho do contra:

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

Além da simplicidade, Quintana é conhecido pelo **tom bem-humorado** de seus textos: a ironia e a piada convivem lado a lado com uma leitura sensível do cotidiano, além de um tom por vezes **melancólico e solitário**, uma contemplação reflexiva da vida:

Envelhecer

Antes, todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm.
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.

A vida, aliás, é um dos temas favoritos do autor, especialmente a sucessão das atividades corriqueiras, cotidianas, a **passagem do tempo**, bem como o amor e os ciclos e elementos da natureza:

O tempo

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6ª-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos!
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre em frente...
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.

Biografia: Mario de Miranda Quintana nasceu na cidade em 30 de julho de 1906, em Alegrete (RS), filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e Virgínia de Miranda Quintana. Com sete anos, é alfabetizado pelos pais, aprendendo também noções de francês. Em 1940, aos 34 anos, publica seu primeiro livro A rua dos cataventos, com temática infantil. Em 1946, lança a obra Canções e dois anos mais tarde Sapato Florido. Ainda em 1948, publica O Batalhão de Letras. Em 5 de maio de 1994, Mario Quintana falece no Hospital Moinhos de Vento, na capital gaúcha, em decorrência de uma pneumonia. Durante sua vida, não se casou nem teve filhos. Sua herança para a família foi um acervo de grande valor em obras literárias.

3ª FASE DO MODERNISMO- PÓS- MODERNISMO - DE 1945 FASE DA REFLEXÃO E DA UNIVERSALIDADE TEMÁTICA (LITERATURA CONTEMPORÂNEA)

1-CONTEXTO HISTÓRICO

- ✓ Fim do Estado Novo (1945)
- ✓ 1945- Término da 2ª Guerra Mundial
- ✓ Guerra Fria

- ✓ Nazismo
- ✓ Corrida Armamentista
- ✓ Retorno de Vargas ao poder (1951- 1954)

Ditadura

- ✓ Presidência de Juscelino Kubistschek (1956 – 1961)
- ✓ Inauguração de Brasília, como nova capital federal (1960)

2-CARACTERÍSTICAS

Poesia: “A poesia é a arte da palavra”

- Pesquisa estética; renovação das formas de expressão literária
- Caráter “engajado” da poesia.

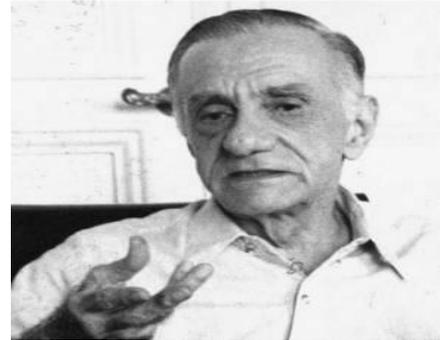
Obs: Traço formalizante é o que caracteriza essa geração de poemas, por isso dedicaram-se a pesquisa e a experimentação estética;

Os poetas eram chamados de “Neoparnasianos”, ao fazerem referência as principais características da poesia parnasiana: preocupação com a estética, metrificção, versificação, além da busca da perfeição e do culto à forma.

Prosa

- Sondagem ou Investigação psicológica das personagens e seus conflitos íntimos;
- A ação e o enredo perdem importância em favor das emoções, estados mentais e reações das personagens;
- A sugestão, a associação e a expressão indireta passam a serem os meios de veicular a experiência;
- A literatura torna-se cada vez mais subjetiva, interiorizada e abstrata, constituída de experiências mentais;
- O princípio de seleção do material expande-se para incluir todos os motivos e assuntos;
- Normalmente, o autor não faz o retrato do personagem: este vive e o leitor o conhece e julga.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO E SUA ENGENHOSIDADE ARTÍSTICA



“Escrever é estar no extremo de si mesmo.”

João Cabral era rigoroso com seus poemas, apresentando uma estrutura mais fixa e com versos rimados. Seu estilo não é marcado pelo sentimentalismo, é mais objetivo, racional. A obra de João Cabral de Melo Neto pode ser considerada construtivista.

Não tinha romantismo em seus escritos, o poeta buscava descrever as percepções do real, colocando de forma concreta as sensações. Além disso, o autor buscava as oposições na sua poesia. Nela, o poeta não é mais um sonhador, e sim um atento e crítico observador do real.

Somados a estes pressupostos, há ainda um aspecto de notável relevância – o fato de a poesia de João Cabral se caracterizar por duas vertentes: uma primeira linha, cuja tendência se volta para a metalinguagem, abrangendo uma temática de investigação do próprio “fazer poético, e outra, chamada de participante, tem o Nordeste como sua temática principal. Entretanto, divergindo-se do regionalismo crítico e fazendo dos aspectos elementares (tais como: a seca, a miséria e a fome), seu elemento poético capturado pela essência imaginativa do artista.

De modo a concretizarmos tais pressupostos teóricos, analisemos uma de suas criações:

Tecendo a Manhã

1

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

2.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,

se entretendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

Notamos que a presente obra nos revela traços característicos da primeira vertente, anteriormente mencionada, na qual o poeta se utiliza o fazer poético para explicá-lo, atribuindo à linguagem toda a magia e encantamento, ora materializada por meio do “arquitetar” do discurso.

Atemo-nos a mais uma de sua vastíssima obra:

Morte e vida Severina – Cena I

Monólogo no qual Severino se apresenta e se diz igual a tantos outros Severinos:

— O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

[...]

Cena II – Momento em que Severino encontra dois homens carregando um defunto, morto com uma bala durante a disputa pela posse de um mísero pedaço de chão:

— A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?
dizei que eu saiba.

— A um defunto de nada,
irmão das almas,
que há muitas horas viaja
à sua morada.

— E sabeis quem era ele,
irmãos das almas,
sabeis como ele se chama
ou se chamava?

— Severino Lavrador,
irmão das almas,
Severino Lavrador,
mas já não lavra.

[...]

Mediante tais excertos poéticos, identificamos a segunda vertente norteadora da poesia cabralina, visto que o poeta ameniza as mazelas conferidas por um fato social extremamente agravante por meio de uma linguagem tênue, procurando, magnificamente, abrandá-la.

Obras do autor: “O engenho”, “Psicologia da composição”, “Pedra do sono”, “O cão sem plumas”, e “Morte e vida Severina”.



Escrevi Morte e vida Severina para aquele leitor do mercado de Recife que ouve o romanceiro de cordel.”
(João Cabral de Melo Neto)

Biografia: Filho de Luiz Antônio Cabral de Melo e de Carmem Carneiro-Leão Cabral de Melo, o escritor nasceu em Recife, Pernambuco, mas passou muito tempo em engenhos de açúcar, já que seu pai era um senhor de engenho. Quando tinha apenas oito anos, João adorava os cordéis e costumava ler vários para os empregados do engenho. É dessa época que vem a preocupação com o povo nordestino, o menino via as diferenças da vida dos mais ricos, senhores de engenho, e dos mais pobres. Com a morte da esposa em 1986, casou-se com Marly de Oliveira. O escritor sofria com constantes dores de cabeça, por isso, tomava aspirinas diariamente. Chegou a escrever sobre o assunto. Uma de suas obras mais importantes é “Morte e Vida Severina”.

Primo do também escritor Manuel Bandeira, João Cabral foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1968, ficou com a cadeira nº 37, substituindo o jornalista Assis Chateaubriand. Recebeu da ABL o Prêmio Olavo Bilac em 1955. Em 1990, ganha o Prêmio Luís de Camões e em 1993 o Jabuti.

PROSA MODERNISTA

. PROSA INTIMISTA

Por sua vez, a prosa intimista é determinada pela exploração de temas humanos e, portanto, é mais íntima, psicológica e subjetiva, observada nas obras de Clarice Lispector e de Lygia Fagundes Telles.

CLARICE LISPECTOR



“Não suporto meios termos. Por isso, não me doo pela metade. Não sou sua meio amiga nem seu quase amor. Ou sou tudo ou sou nada”

O seu estilo é marcado pela inovação, Clarice introduz características novas à literatura nacional. Os textos colocam em foco o inconsciente, na literatura da escritora os sentimentos e sensações dos personagens são muito importantes. A obra de Lispector apresenta características intimistas, o indivíduo, com seus questionamentos e sua intimidade, é a peça mais importante.

A representação do pensamento não é feita de forma linear, é livre e desordenada. É possível ainda identificar a introspecção na técnica de desenvolvimento de texto. O mais importante na construção do texto não é a correção gramatical e sim a expressividade.

Clarice Lispector dedicou-se à prosa de sondagem psicológica, à análise das angústias e crises existenciais, ou seja, dedicou-se à análise do mundo interior de suas personagens. Clarice rompeu com a linearidade da estrutura do romance, seus textos baseiam-se no fluxo de consciência (na expressão direta dos estados mentais), na memória. Tempo, espaço, começo, meio e fim deixaram de ser importantes. Segundo a própria autora “o importante é a repercussão do fato no indivíduo” e não somente o fato em si. Outra característica de Clarice Lispector é o frequente uso do monólogo interior, técnica em que o narrador conversa consigo mesmo, como se estivesse divagando.

A obra de Clarice, mesmo despida de uma postura ideológica definida, engajada, ausente de enfoques político-sociais e políticos explícitos, questionam e desmascaram o comportamento humano, que desde cedo é doutrinado para a aceitação de normas. Destaca-se também a capacidade de espanto diante do

mundo, tão presentes em seus personagens, e os reflexos que esses imprevistos provocam em suas narrativas.

Clarice sempre escreveu buscando algo, procurando através da literatura responder a uma pergunta que sequer era formulada. Sua obra é repleta de sugestões, e o evento no interior das personagens é mais valorizado que qualquer evento externo. Um dos termos muito utilizados pela Clarice é o termo o termo epifania: seus textos frequentemente levam a uma revelação, a uma descoberta que só é feita através de uma entrega aos sentidos, nunca pela racionalização.

Além da linguagem, outro aspecto inovador na obra de Clarice é a visão do mundo que surge de suas histórias. Mesmo tendo se iniciado como escritora em uma época que os romancistas brasileiros estavam voltados para a literatura regionalista ou de denuncia social, Clarice enfoca em seus textos o ser humano em suas angústias e questionamentos existenciais.

Em suas narrativas o enredo bem como as personagens, as referências de tempo e espaço ganham novos significados: o enredo é quase sempre psicológico. O tempo e o espaço, por sua vez tem pouca influência sobre o comportamento das personagens, o tempo é psicológico e espaço é acidental.

A indiscutível originalidade e a perturbadora percepção da validade presentes, na obra de Lispector a torna única dentro da literatura brasileira. É impossível ficar indiferente diante do texto, pois a força de sua linguagem é a intensidade das emoções das suas personagens atingindo o leitor e provocando no mínimo um incômodo ou estranhamento.

- Sondagem dos mecanismos mais profundos da mente humana;
- Técnica “impressionista” de apreensão dessa realidade interior (predominância de impressões de sensações);
- Ruptura com a sequência linear da narrativa;
- Predomínio do tempo psicológico e, portanto, subversão do tempo cronológico;
- Metalinguagem;
- Fusão de prosa e poesia, com empregos de figuras de linguagem: metáforas, antíteses (eu x não eu, ser x não ser), paradoxos entre outros.

Obras da autora: “Perto do coração selvagem”, “O lustre”, “A paixão segundo G.H.”, “A hora da estrela” e “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”.

Biografia: Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, mas seus pais emigraram para o Brasil pouco depois. Chegou a Maceió com dois meses de idade, com seus pais e duas irmãs. Em 1924 a família mudou-se para o Recife, e Clarice passou a frequentar o grupo escolar João Barbalho. Aos oito anos, perdeu a mãe. Três anos depois, transferiu-se com seu pai e suas irmãs para o Rio de Janeiro. Em 1939 Casou-se em 1943 com o diplomata Maury Gurgel Valente, com quem viveriam muitos anos fora do Brasil. O casal teve dois filhos, Pedro e Paulo, este último afilhado do escritor Érico Veríssimo. Clarice Lispector morreu de câncer, na véspera de seu aniversário de 57 anos.

LYGIA FAGUNDES TELLES:

“A beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio tom, nessa incerteza.”



Dona de um estilo personalíssimo, Lygia se vale largamente das imagens simbólicas, responsáveis em grande parte pela universalização e densidade de suas tramas. Repetem-se imagens de fontes, jardins, rosas, estátuas, tapeçarias, gatos, sótãos, espelhos, escadas, todas elas imagens portadoras de sentidos que ultrapassam o meramente denotativo. Transpostas, muitas vezes, para o domínio do devaneio ou do sonho, chamam a atenção sobre si mesmas e desafiam o leitor a interpretá-las.

Explorar o universo íntimo e angustiado do indivíduo universal parece ser a pedra fundamental do texto de Lygia. Tanto em seus romances quanto em seus contos, o uso do discurso em primeira pessoa ou do discurso em terceira, permeado por intrusões de discurso em primeira ou devaneios, são índices desta abordagem intimista — um ponto de vista muito em voga após o surgimento, principalmente, das teorias psicanalíticas.

A ficção Lygiana transcende os conceitos e os padrões sociais em busca dos abismos humanos

universais, fato que eleva o seu texto ao nível de outros grandes escritores modernos como Joyce, Kafka, Borges, Cortázar e o próprio brasileiro Machado de Assis. Ainda que muito revisitada pela crítica acadêmica, sua obra fictícia continua sendo um rico objeto de estudo literário. Toda sua produção é um amplo painel em que se encontra representada a essência da condição humana de um país, mas que consegue metonimicamente sintetizar as vivências amarguradas e os mistérios do homem universal.

A dúvida (e não a certeza) é, portanto, a pedra fundamental do texto da escritora; uma dúvida que, como o mito, apazigua e acalenta a alma humana. Não só nos contos, como também em romances, essa ambiguidade é engendrada com maestria, enriquecendo o enredo das narrativas e suas possíveis leituras. Este traço estético pode ser tributado da leitura de grandes mestres como Edgar Allan Poe e Machado de Assis, duas escritas e estéticas que podem facilmente ser rastreadas na obra de Lygia.

Especialmente em seus romances, as personagens principais tendem a ser mulheres, seres que são trabalhados de forma ímpar, dotados de um psicologismo intenso e de comportamentos muito marcantes. Ainda que as mulheres retratadas vivenciem realidades, muitas vezes, tipicamente femininas, o cerne de seus conflitos são resultado da condição humana em si, são dilemas que transcendem as noções de gênero e de sexo.

A sensibilidade feminina é só um prisma a partir do qual são explorados os mais profundos dramas da existência humana. Este ponto de vista da mulher apenas intensifica a forma com que a morte, a velhice, o amor, o inexplicável, a angústia do existir e o estar no mundo são experienciados.

Escreveu romance, contos e poesias sendo uma de suas marcas a exploração psicológica das personagens em sua obra: "Ciranda de Pedra" (1954), "Verão no Aquário" (1964), "Antes do Baile Verde" (1970), "As Meninas" (1973).

Biografia: Lygia de Azevedo Fagundes (nome de batismo) nasceu em São Paulo, no dia 19 de abril de 1923. É filha de Durval de Azevedo Fagundes, promotor público, e de Maria do Rosário Silva Jardim de Moura, pianista.

Com 17 anos, ingressou na Escola Superior de Educação Física, na capital paulista. Um ano depois, em 1941, começou a fazer paralelamente o curso de Direito na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco.

Em 1947, casou-se com um de seus professores da faculdade de Direito: o jurista Goffredo da Silva Telles Júnior. Em 1960, o casal se separa e, três anos depois, casou-se com o crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes. Em 1973, publicou o romance "As meninas". Com essa obra Lygia recebeu os Prêmios: Jabuti, Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras e "Ficção" da Associação Paulista de Críticos de Arte.

✚ PROSA REGIONALISTA

A prosa regionalista absorve, por outro lado, aspectos do campo, da vida agrária, da fala coloquial e regionalista, por exemplo, na obra de Guimarães Rosa.

JOÃO GUIMARÃES ROSA: com suas inovações temáticas e linguísticas;



“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem..”

É uma das principais expressões da literatura brasileira. Seus romances de cunho regionalista surpreendem em virtude da originalidade de sua linguagem e de suas técnicas narrativas, que apontam uma mudança substancial na velha tradição regionalista.

A Grande novidade linguística introduzida pelo regionalismo de Guimarães foi a de recriar, na literatura, a fala do sertanejo, não apenas no nível do vocabulário, mas também no da sintaxe e na melodia da frase. Guimarães Rosa recria a própria língua portuguesa, a partir do aproveitamento de temas em desuso, da

criação de neologismos e do emprego de palavras tomadas de empréstimo a outras línguas.

A prosa de Guimarães é carregada de recursos mais comuns à poesia, tais como o ritmo, as aliterações, as metáforas, as imagens, obtendo assim, uma prosa altamente poética, nos limites entre a poesia e a prosa.

Pela importante obra literária, chegou a ser indicado para o prêmio Nobel de Literatura, mas morreu no mesmo ano e a sua indicação foi impedida.

Guimarães Rosa é um grande exemplo de autor que soube usar, ao mesmo tempo, as três vertentes citadas da terceira fase do modernismo: a análise psicológica das personagens, o realismo mágico – em que acontecimentos surreais ocorrem em um mundo normal –, e o regionalismo, em que o interior do país é retratado.

Por ser do interior de Minas Gerais, Guimarães Rosa soube como trazer o sertão mineiro para a literatura. Ele transcreveu com perfeição a coloquialidade com que vaqueiros, jagunços e sertanejos conversavam. Vaquejadas, ciganos e onças são temas recorrentes em sua obra.

“De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro não fantasêia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorsegos, estou de range rede. E me inventei nesse gosto de especular idéia. O diabo existe e não existe. Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...”

Para o autor, o sertão era mais do que uma localidade no interior do Brasil. O sertão, para ele, era universal e estava dentro de cada ser humano.

Para ele, o importante era falar sobre os problemas internos do ser humano e também sobre a metafísica da vida: há sentido na existência? O Bem e o Mal existem? Há um Deus? A obra “Grande Sertão: Veredas” enfatiza a presença do Diabo.

Estilo

O autor ficou conhecido por criar novas palavras, os famosos neologismos. Seu estilo era altamente estilizado e poético. Diplomata, ele chegou a estudar 24 idiomas e soube usar desse conhecimento

na hora de criar e utilizar palavras já conhecidas. Ele misturava diversos idiomas e enfatizava a importância da língua portuguesa, principalmente a linguagem do cotidiano.

“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”

Obras

Sua primeira obra publicada foi “Magma”, em 1939. Em 1946, ele lança “Sagarana”, importante livro de contos que mostra perfeitamente seu estilo. Nele, o leitor encontra o famoso conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”.

Em 1956, Guimarães Rosa publica sua obra-prima: o romance “Grande Sertão: Veredas”. Nele, o autor conta a história de Riobaldo, um jagunço que acaba se apaixonando pelo colega Diadorim. Não queremos dar spoilers, mas há um pacto com demônio no meio do enredo.

“O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior.”

Guimarães Rosa possui um dos estilos mais únicos da literatura brasileira. Ele soube escrever poeticamente e usar a linguagem da melhor forma possível, manejando-a conforme queria.

Todavia, ele não se prendeu em uma torre de marfim: sempre deu foco aos problemas sociais pelos quais o povo do campo, principalmente do sertão, passa todos os dias. Ele foi politicamente engajado e construiu obras que mostram com fidelidade o que é ser mineiro, o que é ser um morador do interior do país.

Obras do autor: “Sagarana”(contos), “Grande Sertão: Veredas” (romance), “Corpo de baile” (novelas), publicada, atualmente em três partes: “Manuelzão e Miguilim”; “No urubuquaquá, no Pinhém”; e “Noites do sertão”.

Biografia: Mineiro de Cordisburgo, filho de Florduardo Pinto Rosa e D. Francisca Guimarães Rosa, o escritor ainda não tinha sete anos quando começou a estudar francês sozinho. Com a ajuda de Frei Canísio Zoetmulder, continuou os estudos e passou a aprender holandês também. Depois, estudou a língua alemã.

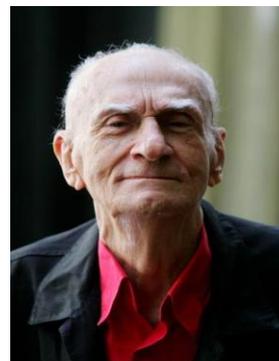
Estudante de medicina em Belo Horizonte, João Guimarães Rosa disse na época a famosa frase: “As pessoas não morrem, ficam encantadas”. Em 1942, em plena 2ª Guerra Mundial, Getúlio Vargas corta relações com a Alemanha. Com isso, o escritor e outros brasileiros ficam retidos no país por cerca de quatro meses. A libertação só acontece quando é feita uma troca por diplomatas alemães. Volta ao Brasil por um breve período, logo se torna Secretário da Embaixada em Bogotá, Colômbia. O escritor teve uma passagem depois por Paris, França, também a serviço do governo.

Os problemas de saúde que levaram o escritor à morte começaram em 1958. Com hábitos pouco saudáveis, Rosa era sedentário, fumava e estava com excesso de peso, o risco de doenças cardíacas era grande.

TEATRO

No teatro, os dramas cotidianos do homem urbano vêm à cena nas obras de Nelson Rodrigues, e os dramas do interior nordestino vêm ao palco pelos textos teatrais de Ariano Suassuna.

ARIANO SUSSUANA



“Tenho duas armas para lutar contra o desespero, a tristeza e até a morte: o riso a cavalo e o galope do sonho. É com isso que enfrento essa dura e fascinante tarefa de viver”.

O nome do escritor costuma ser atrelado ao teatro, principalmente pelo papel que desempenhou na modernização do teatro brasileiro. A produção de Ariano Suassuna tem como característica a improvisação e o texto popular. O escritor coloca muitos elementos da cultura nordestina em suas peças.

O dramaturgo pode ser considerado um dos escritores do movimento modernista, mais especificamente da 3ª fase, geração de 45. Mas a obra de Suassuna reúne elementos de diferentes movimentos, como o simbolismo, o barroco e a literatura de cordel, tão presente no nordeste.

Ariano Suassuna é, certamente, um dos grandes nomes da Literatura brasileira. Antes de ser brasileiro, o escritor, dramaturgo e poeta foi, sobretudo, nordestino, um dos maiores responsáveis por difundir a cultura da região Nordeste no país. Ariano defendeu sua identidade cultural e, com maestria, soube unir dois elementos até então díspares: o erudito e a cultura popular nordestina. Da fusão desses dois elementos, nasceu aquele que ficaria conhecido como Movimento Armorial, que incluiu diferentes tipos de arte, como música, dança, teatro e arquitetura.

Suassuna foi um dos fundadores do Movimento Armorial, que buscava criar a arte erudita através da cultura popular nordestina. O movimento inclui os diferentes tipos de arte, como dança, literatura, teatro, música e arquitetura. Ariano recebeu o apoio da Universidade Federal de Pernambuco e de vários escritores nordestinos, o Movimento Armorial foi lançado em 1970.

Lançado no dia 18 de outubro de 1970, o Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna, foi um movimento artístico que apresentou o sertão como um universo cultural e lúdico, espaço até então colocado em segundo plano na cultura brasileira. A intenção era construir uma arte essencialmente erudita através de elementos autenticamente nacionais, fundindo a cultura popular com o intrincado universo erudito. O Movimento Armorial tinha por objetivo também subverter a estética regionalista dos anos 30, demasiadamente preocupada com questões sociopolíticas.

Obras- Uma mulher vestida de sol; O Santo e a Porca; O auto da Compadecida.

Biografia: Ariano Vilar Suassuna (1927-2014) nasceu na cidade de Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa, capital da Paraíba, em 16 de junho de 1927. Filho de João Suassuna, ex-governador da Paraíba, e Rita de Cássia Villar passou os primeiros anos de sua infância na fazenda Acauham, no sertão do Estado.

Em 1950, conclui o curso de Direito. Dedicou-se à advocacia e ao teatro. Em 1955, escreveu a peça "O Auto da Compadecida". A partir de 1956, passou a dar aulas de Estética na Universidade Federal de Pernambuco. Em 1970 cria e dirige o Movimento Armorial, com o objetivo de valorizar os vários aspectos

da cultura do Nordeste brasileiro, como a literatura de cordel, a música, a dança, teatro, entre outros.

Se sua poesia teve modesta repercussão, o teatro, com a força do humor, o consagrou. Ariano recebia inúmeros convites para realizar "aulas-espetáculos" em várias partes do país onde, com seu estilo próprio e seus "causos" imaginativos, deixava o público encantado.

Ariano Suassuna faleceu no Recife, no dia 23 de julho de 2014, decorrente das complicações de um AVC hemorrágico.

PRODUÇÕES CONTEMPORÂNEAS

A Literatura Brasileira Contemporânea engloba as produções do final do século XX e da primeira metade do século XXI sendo marcada por uma multiplicidade de tendências.

Ela reúne um conjunto de características de diversas escolas literárias anteriores, revelando assim, uma mistura de tendências que irão inovar a poesia e a prosa (contos, crônicas, romances, novelas, etc.) do período.

Vale lembrar que muitas características da literatura contemporânea estão relacionadas com o movimento modernista, por exemplo, a ruptura com os valores tradicionais, entretanto, a identidade nesse momento não é mais uma busca, sendo revelada por uma crise existencial do homem pós-moderno.

Alguns movimentos vanguardistas que assinalaram a produção contemporânea foram:

- Concretismo
- Neoconcretismo
- Poesia-Práxis
- Poesia Marginal
- Poema Processo

CARACTERÍSTICAS

As principais características da literatura contemporânea são:

- ✓ Mistura de tendências estéticas (ecletismo)
- ✓ União da arte erudita e da arte popular
- ✓ Prosa histórica, social e urbana
- ✓ Poesia intimista, visual e marginal
- ✓ Temas cotidianos e regionalistas
- ✓ Engajamento social e literatura marginal
- ✓ Experimentalismo formal

- ✓ Técnicas inovadoras (recursos gráficos, montagens, colagens, etc.).
- ✓ Formas reduzidas (minicontos, minicrônicas, etc.)
- ✓ Intertextualidade e metalinguagem

CONCRETISMO

O concretismo foi um movimento artístico e cultural que surgiu na Europa em meados do século XX, o qual visava a criação de uma nova linguagem, uma arte abstrata. Esse movimento de vanguarda influenciou as artes literárias, musicais e figurativas.

O concretismo corresponde a um movimento artístico iniciado nos anos 50 e que alcançou seu auge nos anos 60. Seus princípios, de certa forma, dialogam com proposições do Cubismo aplicado tanto à literatura quanto às artes plásticas. Foram precursores mundiais das tendências do movimento o suíço Max Bill, nestas e o russo Vladimir Maiakovski, naquela.

O concretismo caracteriza-se como movimento de cunho marcadamente racionalista, buscando na arte a expressão de um geometrismo extremo. Assim, o poema viu destituído o verso em seu interior, em favor do aproveitamento pleno da folha de papel e da exploração máxima de seus possíveis preenchimentos, bem como de seus vazios. Segundo tais preceitos, forma e conteúdo não mais deveriam corresponder a diferentes planos de apreensão da literatura, mas sim a um contínuo a ser explorado pelo artista.

Os maiores expoentes concretistas no Brasil são os irmãos Campos, Augusto e Haroldo, Décio Pignatari, o chamado grupo paulista, e José Lino Grünwald. Mais tarde, dando prosseguimento a essas tendências, ainda surgirá uma poesia neoconcreta, com maior incorporação de temática social, representada principalmente por Ferreira Gullar, com repercussões ainda na produção tardia de nomes como Cassiano Ricardo e Murilo Mendes. É a partir daí que encontramos, por exemplo, a Poesia-Práxis e o Poema-Processo.

1. Características

- ✓ Valorização do conteúdo visual e sonoro
- ✓ Sintaxe visual em detrimento da discursiva
- ✓ Banimento da estrutura formal, como os versos e as estrofes
- ✓ Utilização de efeitos gráficos

- ✓ O papel torna-se a tela e o artista aproveita todo o espaço
- ✓ Defesa da racionalidade
- ✓ Aversão ao Expressionismo
- ✓ Rejeição ao acaso e a abstração lírica
- ✓ a atomização vocabular na qual as palavras se desmancham, se refazem, em favor da expressividade de sua nova forma;
- ✓ a polissemia, uma vez que os vocábulos assumem uma valência de significados múltipla, ditada pela disposição no interior da poesia;

2. Concretismo no Brasil

No Brasil, esse movimento vanguardista chegou por volta de 1950, através do Suíço, Max Bill (1908-1994), um dos precursores do movimento, ao lado do russo Vladimir Maiakovski (1893-1930). Bill popularizou as concepções dessa nova tendência na Exposição Nacional de Arte Concreta, em 1956.

3. Poesia Concreta

A poesia concreta inaugurou um novo estilo que norteou a poesia brasileira pós-modernista, a partir de uma poesia visual, com utilização de efeitos gráficos, de forma que a palavra concreta representa o objeto real (palavra-objeto).

Dessa forma, a poesia concreta absorve somente a palavra, ou seja, “a palavra-objeto”, sem que haja preocupação com estruturas literárias, desde estrofes, versos e rimas. A partir disso, há o predomínio de imagens em detrimento ao caráter discursivo da poesia.

A despeito de o concretismo não se preocupar com a temática, uma vez que o objetivo principal era criar uma nova linguagem ao mesclar a forma e o conteúdo, alguns temas prevaleceram na poesia concreta, desde as críticas feitas à sociedade capitalista e ao consumo exacerbado.

Exemplo de Poesia Concreta



Um dia comum. Bi bi fom fom."ESTOU CEGO" Biiiiiii biiiiiii,
os carros buzina sem parar. O sinal está verde, mas nenhum carro
anda.As buzinas tocam frenéticas sem parar sem parar. O que está
acontecendo? Aos poucos a cegueira se espalha pela ci-
dade. O que é isso? Virus? É o mundo se acabando? A do-
ença sem discriminação ESTOU CEGO! Cada vez mais se
escutava isso pela cidade ESTOU CEGO! A criança
gritava ESTOU CEGO o velho gritava. O mé-
dico gritava. A cegueira atacava.
E vinha sem avisar




O concretismo, como tendência contemporânea, permanece bastante vivo, inclusive, pela proximidade mantida com a linguagem publicitária, bastante cotidiana em nossas vidas e pela possibilidade amplamente.

NEOCONCRETISMO

O neoconcretismo foi um movimento artístico-literário, surgido como uma forma de reagir aos

excessos trazidos pelo concretismo. Enquanto o concretismo era extremamente racional, o neoconcretismo trouxe a subjetividade de volta para o processo de criação artística. Foi ele o responsável pelas primeiras mudanças nas artes visuais no Brasil, através da proposta de uso de novos meios para a produção, bem como da transformação na forma de receber estas obras de arte. Trouxe também um novo modo de escrever, que pode ser conferido através da obra de Ferreira Gullar e de Reynaldo Jardim.

No final da década de 50 os artistas que faziam parte do concretismo fizeram uma revisão crítica sobre seu pensamento anterior e chegaram à conclusão que estavam fazendo arte segundo "receitas", obedecendo a certos "dogmas", fazendo com que seu potencial crítico e artístico fosse quase nenhum.

Os neoconcretistas afirmavam que a arte não é apenas um objeto, mas tem sensibilidade, expressividade, subjetividade. Combatiam o concretismo dizendo que não se tratava apenas de formas geométricas, e debatiam os conceitos cientificistas e positivistas na arte. Consideravam as diversas possibilidades criativas do artista e envolviam no processo também o observador ou receptor.

Foi, contudo, fortemente criticado pelos concretistas ortodoxos, principalmente de São Paulo, já que o movimento teve maior influência no Rio de Janeiro. Os concretistas alegavam que a forma teria um "autonomia", e que portanto não daria liberdade para implicar em simbologias, expressões ou sentimentos.

O movimento neoconcreto apoiava-se na filosofia de Merleau-Ponty, que sugeria a recuperação daquilo que é humano, sensível, e uma das formas de expressar isso era através da cor e de seus múltiplos significados emocionais, dando margem à interpretação mais subjetiva da arte.

Alguns estudos afirmam que o movimento neoconcreto teria sido um divisor de águas na história das artes no Brasil, pois serviria como uma ruptura da arte moderna no país.

1- Características

✓ a atomização vocabular na qual as palavras se desmancham, se refazem, em favor da expressividade de sua nova forma;

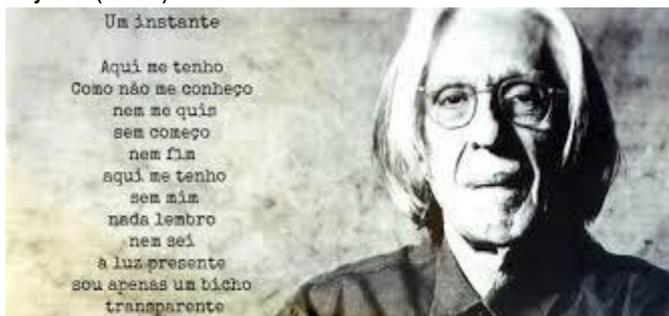
✓ a polissemia, uma vez que os vocábulos assumem uma valência de significados múltipla, ditada pela disposição no interior da poesia;

✓ uma linguagem de intenso apelo persuasivo, aproximando-se, assim, da linguagem publicitária;

✓ o intercruzamento permanente das linguagem visual e verbal;

✓ comunicação icônica, ou seja, a forma da letra, sua posição, sua cor, tudo a esse respeito é elemento para interpretação.

➤ **Ferreira Gullar** (1930-): escritor maranhense nascido em São Luís, Ferreira Gullar é membro da Academia Brasileira de Letras desde 2014. Escreveu poesia, contos, crônicas, ensaios, memórias, biografias, das quais se destacam os livros de poesias “Poema Sujo” (1976) e “Em Alguma Parte Alguma” (2010). Sem dúvida seu ensaio mais conhecido é a “Teoria do não-objeto” (1959).



Ferreira Gullar é um dos poetas mais relevantes da literatura brasileira. A sua obra ficou marcada principalmente pelas questões políticas e sociais. O posicionamento político, inclusive, fez com que Gullar fosse exilado durante o regime militar brasileiro. Antes disso, revolucionou a poesia com o neoconcretismo, teve a ajuda de Hélio Oiticica e Lígia Clark para isso.

O poeta foi primeiro enquadrado no concretismo, depois foi um dos responsáveis pela introdução do neoconcretismo na literatura brasileira, junto com Hélio Oiticica e Lígia Clark. Publicou o “Manifesto Neoconcreto” no “Jornal do Brasil” em 1959. Pouco depois, Gullar passa a fazer uma poesia mais voltada para a política.

Um dos escritos mais importantes do autor, “Poema sujo” foi criado durante o exílio na Argentina. O poema foi gravado e trazido clandestinamente para o Brasil. O também poeta Vinícius de Moraes realizou reuniões privadas para apresentar a obra aos que resistiam ao regime ditatorial.

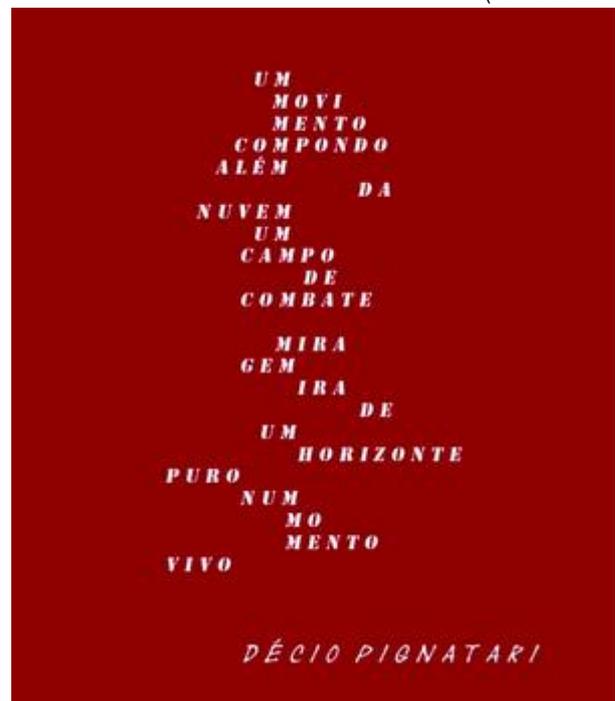
Através de seus poemas, expressa a necessidade de lutar contra a opressão social. A poesia engajada é uma marca da obra de Ferreira Gullar. O autor acredita que a produção artística deve levar em consideração o que está acontecendo com o mundo.

Gullar apresenta uma linguagem inovadora, mas com palavras simples, e consegue relacionar a linguagem verbal e a visual. Apresenta ainda metalinguagem, já que fala do fazer poético.

Exemplo de Poesia Neoconcreta

Mar Azul
mar azul
mar azul marco azul
mar azul marco azul barco azul
mar azul marco azul barco azul arco azul
mar azul marco azul barco azul arco azul ar azul

(Ferreira Gullar)



POESIA-PRÁXIS



A Poesia-Práxis, cunhada de “vanguarda velha”, representou um movimento literário fundado pelo crítico e poeta Mário Chamie. Essa denominação surgiu em crítica ao movimento de vanguarda concretista, de forma que uma dissidência de

poetas, insatisfeitos com o rigor formal e o academicismo, resolvem romper com o concretismo ao propor uma nova estética poética.

Com isso, em 1962, liderado pelo poeta Mário Chamie, nasce a Poesia-Práxis, que apresenta como marco inicial, a publicação do livro “Lavra-Lavra” (1962), de Chamie, no qual apresenta o jogo sonoro, visual e semântico proposto pela sua poesia. Com essa obra, Mário ganhou o Prêmio Jabuti, em 1963.

Assim, os poetas desse período propunham a “palavra-energia” (matéria prima transformável) em detrimento da “palavra-objeto” dos concretistas. Além disso, os teóricos do movimento criticavam o academicismo dos concretistas e sugeriam uma “atitude práxis”, inspirada numa postura crítica e no abuso da criatividade.

Como o nome sugere, a ideia central era construir poemas com base na prática da vida. Segundo Mário Chamie (1933-), principal poeta e teórico do grupo, os poemas práxis resultavam de um levantamento de palavras dentro do campo semântico do tema escolhido para o poema ou livro.

A “Revista Práxis” foi o veículo primordial para a divulgação dos ideais sugeridas por esse novo estilo, dos quais, além de Chamie colaboraram: Cassiano Ricardo, José Guilherme Merquior, Cacá Diegues, Jean-Claude Bernardet e Maurice Capovilla.

1. Características

As principais características da poesia práxis:

- ✓ Produção de múltiplas interpretações
- ✓ Rejeição ao formalismo e academicismo concretista
- ✓ Maior valorização do conteúdo em detrimento da forma
- ✓ Poesia Visual e Social

Os dois principais representantes desse movimento foram:

- **Mário Chamie:** Considerado o precursor da poesia-práxis, Chamie nasceu em Cajobi, interior de São Paulo, no dia 01 de abril de 1933. Foi professor, advogado, crítico e poeta brasileiro, sendo o que mais se destacou na poesia-práxis. Chegou a participar do movimento concreto, porém, em 1967 se afasta desse modelo e cria uma nova proposta: a poesia-práxis, engajada nos temas sociais e políticos. Segundo ele:

“Práxis: fazer e refazer constantemente as coisas, os signos, as pessoas, as emoções, os sentimentos, as palavras, em busca de novos, surpreendentes e contraditórios significados, porque o mundo não é uma inércia adormecida, o mundo não é uma lesma que tomou Lexotan, o mundo é uma coisa vigorosa”.

Arquirrivais dos concretos, os poetas práxis partiam da ideia de que, no final dos anos 50, a poesia deflagrada pelos modernismo de 22 atingira um estágio de esgotamento. Em especial, criticavam os poetas da chamada geração de 45, pelo seu beletismo neoparnasiano, sua repetição de recursos já consagrados e seu retorno às formas fixas, como o soneto.

O último poema ao lado, “O Tolo e o Sábio”, é do Chamie atual, de seu livro, Caravana Contrária, de 1998.

O TOLO E O SÁBIO

O sábio que há em você
não sabe o que sabe
o tolo que não se vê.

Sabe que não se vê
o tolo que não sabe
o que há de sábio em você.

Mas do tolo que há em você
não sabe o sábio que você vê.

Siderurgia S.O.S.

Se der o ouro sidéreo opus horáriO
Sem sol o sal do erário saláriO
Ser der orgia semistério o empresáriO
Siderurgia do opus o só do eráriO
Se der a via do pus opus erradO
Se der o certo no errado o empregadO
Se der errado no certo o empregáriO

Mario Chamie

- **Cassiano Ricardo:** Junto à Chamie, o poeta e jornalista Cassiano Ricardo Leite (1895-1974) se destacou nos movimentos da poesia brasileira de vanguarda nas décadas de 50 e 60. De acordo com o poeta, “Toda arte fala; mas a poesia é a única que fala a linguagem das palavras”. Fez parte da Semana de Arte Moderna, em 1922, donde participou dos grupos “Verde Amarelo” e “Anta”.



Exemplos de Poesia-Práxis

Campanário de São José

Quem
Não
Tem
Seu
Bem
Que
Não
Vem?
Ou
Vem
Mas
Em
Vão?
Quem?

Cassiano Ricardo

Os nomes dados à terra descoberta
Por se tratar de uma ilha deram-lhe o nome
de ilha de Vera-Cruz.

Ilha cheia de graça
Ilha cheia de pássaros
Ilha cheia de luz.

Ilha verde onde havia
mulheres morenas e nuas
anhangás a sonhar com histórias de luas
e cantos bárbaros de pajés em poracés batendo os pés.

Depois mudaram-lhe o nome
pra terra de Santa Cruz.
Terra cheia de graça
Terra cheia de pássaros
Terra cheia de luz.

[..]
Brasil cheio de graça
Brasil cheio de pássaros
Brasil cheio de luz.

Trata-se de uma espécie de denúncia aos traços demarcados pela colonização portuguesa, tão presentes na história brasileira. Imbuído no propósito de exploração das belezas aqui existentes, o colonizador não via senão o interesse e a ganância, aspectos esses manifestado pelo eu lírico.

POESIA MARGINAL



“Seja marginal, seja herói”. Com essa frase, o artista plástico Hélio Oiticica sintetizou uma série de trabalhos que ficou conhecida como Marginália. Na Literatura, onde a Marginália também encontrou adeptos, o movimento ficou mais conhecido como Poesia Marginal ou Geração Mimeógrafo. Exemplo da contracultura, a cultura marginal surgiu em um período turbulento da História do Brasil: a ditadura militar.

A Poesia Marginal ou a Geração Mimeógrafo, surge na década de 70 no Brasil, de forma a representar o movimento sociocultural que atingiu as artes (música, cinema, teatro, artes plásticas) sobretudo, a literatura, e influenciou diretamente na produção cultural do país.

Foi caracterizada como um surto poético e um novo movimento cultural, do qual o tropicalismo foi o precursor. Este novo fazer poético é fruto do choque entre a atmosfera repressiva no plano político interno e a metamorfose comportamental, que se verificava não só no Brasil, mas em toda a esfera mundial. Nessa época, o país estava sob o domínio da ditadura, e a pressão social pela redemocratização estava a todo vapor (imagine se você fosse um jovem poeta na época da ditadura).

Sendo assim, esse movimento dito "marginal", absorveu o grito silenciado pela Ditadura Militar e, portanto, a união de artistas em geral, agitadores culturais, educadores e professores, fez com que buscassem uma forma de divulgação da arte e da cultura brasileira, reprimida pelo sistema totalitário que vigorava no país.

Para tanto, inspirado nos movimentos de contracultura, a denominação “Geração Mimeógrafo” remete justamente à sua principal característica, ou seja, a substituição dos meios tradicionais de circulação de obras para os meios alternativos de divulgação empregado pelos artistas independentes ou os

“representantes da cultura marginal”, os quais sentiram a necessidade de se expressarem e, sobretudo, divulgarem suas ideias.

Dessa forma, a partir desse movimento revolucionário literário, a produção poética “fora do sistema” era divulgada pelos próprios poetas a partir de pequenas tiragens de cópias, que realizam nos toscos folhetos mimeografados, os quais vendiam sua arte a baixo custo, nos bares, praças, teatros, cinemas, universidades, dentre outros.

Numa das vertentes desse movimento sociocultural e artístico, surge notadamente a “Poesia Marginal”, aquela que abrolha do cerne da periferia, representando a voz da minoria. Nesse ínterim, os poetas marginais recusam qualquer modelo literário, de forma que não se “encaixam” em nenhuma escola ou tradição literária.

A poesia marginal é formada, em sua maioria, por pequenos textos, alguns com apelo visual (fotos, quadrinhos, etc.), absorvidos por uma linguagem coloquial (traços da oralidade), espontânea, inconsciente, a partir de temática cotidiana e erótica, permeadas de sarcasmo, humor, ironia, palavrões e gírias da periferia. Desse movimento marginal surgem poetas que se destacaram como Chacal, Cacaso, Paulo Leminski e Torquato Neto.

Principais características da Poesia Marginal

- ✓ Inconformismo com “cultura oficial” brasileira; com os moldes literários impostos pela academia e com a censura imposta pela ditadura;
- ✓ Proposta de uma constante inovação poética, pautada pela inventividade artística e a vitalidade criativa;
- ✓ Inspiração nos movimentos de contracultura;
- ✓ Elogio de uma produção cultural que estivesse fora dos padrões;
- ✓ Busca de uma nova forma de divulgação da arte e da cultura brasileira;
- ✓ Organização da poesia em estruturas rápidas que aliassem texto e elementos visuais;
- ✓ Promoção de leituras imediatas, com conteúdos facilmente assimiláveis;
- ✓ Utilização de uma linguagem coloquial, revestida de sarcasmo, ironia, humor, gírias e, inclusivamente, palavrões.

Principais Autores

Na literatura, seus principais representantes foram os poetas Paulo Leminski, José Agripino de Paula, Waly Salomão, Francisco Alvim, Torquato Neto, Chacal, Cacaso e Ana Cristina Cesar. Na música, seus maiores representantes foram Sérgio Sampaio, Tom Zé, Jorge Mautner, Jards Macalé e Luiz Melodia, considerados marginais ou “malditos” por terem sido preteridos pelas grandes gravadoras da época. Após intensa produção cultural, o movimento foi se desfazendo: na Literatura, o último ato coletivo foi o lançamento da revista Navilouca, organizada por Torquato Neto e Waly Salomão entre os anos de 1972 e 1973.

Exemplos:

Tenho uma folha branca
e limpa à minha espera:

mudo convite

tenho uma cama branca
e limpa à minha espera:

mudo convite

tenho uma vida branca
e limpa à minha espera.

(Ana Cristina César)

Bermuda Larga

Bermuda Larga
muitos lutam por uma causa justa
eu prefiro uma bermuda larga
só quero o que não me encha o saco
luto pelas pedras fora do sapato.

Chacal - Ricardo de Carvalho Duarte



Segue abaixo, uma poesia que esboça sua temática marginal:

“Marginal é quem escreve à margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe

e deixe tudo claro à sua passagem.
Marginal, escrever na entrelinha,
sem nunca saber direito
quem veio primeiro,
o ovo ou a galinha”.

POEMA PROCESSO

O poema processo foi um movimento artístico de vanguarda que ocorreu no Brasil entre 1967 a 1972, em plena Ditadura Militar. Surgiu em duas capitais do país simultaneamente: Rio de Janeiro (RJ) e em Natal (RN), se espalhando pelo Brasil. Foi fundado por diversos poetas dos quais se destacam: Wladimir Dias Pino, Moacy Cirne, Neide de Sá e Álvaro de Sá.

Esse movimento visava apresentar uma nova forma de fazer poesia a partir de uma nova linguagem. Com um espírito revolucionário, o grupo de poetas do movimento inovaram os poemas visuais, já explorados anteriormente pelo movimento concretista. Note que ele está relacionado com a poesia concreta uma vez que surgiu dela, no entanto, apresentam diferenças.

Assim, enquanto na poesia concreta as palavras eram as principais ferramentas, o poema processo vem rejeitar seu uso, empregando além delas, símbolos e, portanto, extrapolando os limites do poema.

A exploração desses signos não verbais no poema processo é mediada por figuras geométricas, perfurações no papel e gráficos. Assim, o poema processo é um poema semiótico e visual para ser visto antes de ser lido.

Segundo um dos fundadores e expoentes do movimento, Moacy Cirne (1943-2014): “E aqui estamos diante de uma diferença radical em relação à poesia concreta, por exemplo: toda poesia concreta é acabada, “fechada”, monolítica; já o poema/processo, para ser de fato um poema/processo, implica trans/formações”.

1- Principais Características

- ✓ Linguagem não verbal
- ✓ Espírito revolucionário e inovador
- ✓ Poema experimental e visual
- ✓ Uso de símbolos visuais

2- Principais Autores

Os principais representantes do poema processo no Brasil foram:

- Moacy Cirne
- Neide Dias de Sá
- Álvaro de Sá
- Ariel Tecla

Exemplos

Para exemplificar a produção do poema processo segue abaixo o “Poema da Picotagem” (1968) de Moacy Cirne:

“Três folhas brilhosas (meio-ofício) em cores diferentes: vermelho, amarelo e preto. Distribuídas no interior de um envelope, como partes de um mesmo poema. Em traçados retilíneos, mas não paralelos, sete cortes picotados. O leitor é “convidado” a picotar, criando possibilidades formais sempre novas e diferenciadas a cada parte do poema “jogada” fora. O leitor também poderia embaralhar as folhas, aumentando assim as possibilidades criativas do poema.”



Moacy Cirne: Poeta e cangaceiro, nasceu em Jardim do Seridó, interior do Rio Grande do Norte, em 1943. Tendo se mudado para Caicó, cidade vizinha, em 1945, aprendeu a ler com O Tico-Tico e a se interessar por literatura através da Edição Maravilhosa, da EBAL. Torcedor do Fluminense (RJ) e do ABC (RN), morou em Natal e hoje reside no Rio de Janeiro, fevereiro e março. Publicou seu primeiro livro em 1970: “A explosão criativa dos quadrinhos”.

A PRAÇA

joão da paraíba oferece a alguém,
com
muito
amor
e carinho,
“lábios que beijei”, na voz de orlando silva [in Cinema Pax, 1983]

NÃO BEBA ESTE POEMA

você
pode
virar
um